

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Jogos femininos de curitiba, possibilidades de práticas para as mulheres no esporte. O caso do basquetebol.

Saulo Hautsch Willig y Luciano Da Cruz.

Cita:

Saulo Hautsch Willig y Luciano Da Cruz (2009). *Jogos femininos de curitiba, possibilidades de práticas para as mulheres no esporte. O caso do basquetebol*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1912>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Jogos femininos de curitiba, possibilidades de práticas para as mulheres no esporte

O caso do basquetebol

SAULO HAUTSCH WILLIG*

LUCIANO DA CRUZ**

A mulher e a práticas esportivas: notas introdutórias

A inserção da mulher à prática esportiva é uma realidade inerente ao posicionamento do gênero em nossa sociedade. As mulheres galgaram diferentes estágios de poder através de suas lutas e hoje tomam papel próximo ao do homem na gestão e provimento das necessidades do lar. Quando aqui se coloca a proximidade das posições sociais entre os gêneros não queremos estabelecer uma discussão, juízo de valor ou classificações quanto às discrepâncias sociais ou de oportunidades ainda existentes, mas tornar certo que essas posições de poder foram aproximadas em relação a toda uma história de dominação. Certo é, em nossa abordagem, que se os homens sempre estiveram ligados às práticas que exultavam as proezas, hoje as mulheres também podem se voltar a estas, tendo no esporte essa possibilidade.

Durante muito tempo, e acreditamos até os dias de hoje, a participação das mulheres em atividades ditas masculinas foi restringida por imposições de dominação de uma sociedade de

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Física-Universidade Federal do Paraná. E-mail: saulohw@hotmail.com

** Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Física Universidade Federal do Paraná. E-mail: lu_cruz@ibest.com.br

origem patriarcal. Dentre essas práticas, estavam os esportes que segundo a sua própria história no Brasil teve seu maior desenvolvimento a partir da escola em suas aulas de educação física. Aí encontramos um primeiro filtro em relação às possibilidades de inserção da mulher como atleta. Os primeiros contatos da escola brasileira com a educação física foi uma reprodução pautada no pensamento médico-higienista onde segundo Soares: “atuou na ‘preparação’ do corpo feminino para o desempenho de sua nobre tarefa: a reprodução dos filhos da pátria, reforçando, assim, o ideário burguês sobre os espaços e ‘papéis sociais permitidos à mulher ocupar e desempenhar’”.¹

Outra possibilidade do afastamento da mulher em relação às atividades de lazer seria das imposições sociais dirigidas historicamente à mulher. Temos aqui um recorte que evidencia esse tratamento colocado por Bourdieu em lembrança a aldeia onde viveu sua infância, e que coloca os homens em posição de demonstrar sua proeza e as mulheres relegadas aos afazeres domésticos, de prover a casa, um retrato de dominação masculina:

[...] sempre um pouco exibicionista, de violência – gritos do animal que foge, facas enormes, sangue derramado, etc. - ficavam a tarde toda, e às vezes até o dia seguinte, tranquilamente jogando cartas, interrompendo-se apenas para levantar um caldeirão muito pesado, enquanto as mulheres da casa estavam atarefadas preparando os chouriços, as salsichas, os salsichões e os patés.²

Outro fator que devemos levar em conta são as pesquisas acerca do tempo livre que poderia ser destinado às praticas de lazer, pois fica evidente nesses levantamentos que o tempo a ser despendido pelas mulheres em suas práticas é limitado. Observe-se a explanação de Dumazedier (1999):

[...] estudos de orçamento-tempo sobre operários que não se beneficiam de nenhum auxílio familiar e assumem simultaneamente o trabalho em casa e o trabalho na empresa, o tempo de lazer profissional é ocupado principalmente por um segundo trabalho, o de casa: evocaram-se semanas de 80 horas de trabalho profissional e familiar... Neste plano, sabe-se que *aquela* que trabalha é muito mais dominada do que *aquele* que trabalha, mesmo nas sociedades socialistas que empreenderam um grande esforço político em favor da emancipação da mulher. Assim, em 1966, na URSS, o trabalhador urbano tem, em média, 5,10 horas de

¹ SOARES, C. L. **O pensamento médico higienista e a educação física no Brasil: 1859-1930.** Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, São Paulo, 1990, p.240.

² BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002, p.36.

tempo livre e a trabalhadora apenas 3 horas e 8/10, quer dizer, cerca de *duas horas a menos*.³

Porém mesmo com o quadro adverso imposto pela cultura social, a inserção da mulher brasileira à prática esportiva consolidou-se ao longo dos anos. Segundo dados do Comitê Olímpico Brasileiro, tivemos um crescimento substancial tanto de participação como de resultados das mulheres em competições internacionais.⁴

Quanto às práticas de lazer, incluindo o esporte dito participativo, ainda apresentam números não relevantes com relação ao envolvimento das mulheres em atividades físicas regulares. Segundo dados do programa CuritibaAtiva, apenas 17,4% das mulheres curitibanas praticam regularmente atividades esportivas. Ainda segundo a pesquisa, 54% das mulheres fazem atividades causalmente e que 66,9% delas estão com sobrepeso ou obesas.⁵

Em estudo realizado em 2005, sobre as razões da ausência feminina no basquetebol na cidade de Curitiba, apontou que o perfil das praticantes da modalidade era de meninas em idade escolar, especificamente dos níveis fundamental e médio, e a participação das mesmas estava relacionada à idade, tempo escolar, e a condição ofertada pelas instituições. Assinalou ainda que a escolha da modalidade estava ligada a fatores ambientais e escolhas pessoais.⁶ Aqui então entramos no nosso objeto de estudo: os Jogos Femininos de Curitiba, mais especificamente as praticantes da modalidade basquetebol.

A partir do ano de 2008 a Prefeitura Municipal de Curitiba através da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL), passou a realizar os Jogos Femininos de Curitiba. Estes jogos são disputados em 10 modalidades esportivas, dentre elas o basquetebol, por mulheres com idade a partir de 16 anos. A competição procura adequar os horários e sua forma de disputa às possibilidades de acesso das mulheres, realizando os jogos aos finais de semana e paralelamente a disputa, organizando atividades de lazer destinadas aos filhos das competidoras. Essa forma de organização dos jogos seria adequada às necessidades também discutidas neste ensaio, pois segundo as observações dos organizadores, o gênero feminino a partir dessa idade estaria envolvido com atividades profissionais e familiares, e segundo pesquisas, com seu tempo livre destas atribuições diminuído em relação ao gênero masculino⁷.

³ DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva/SESC, 1999, p.41.

⁴ Dados do Comitê Olímpico Brasileiro. Disponível em: <http://www.cob.org.br>

⁵ Fonte site da Prefeitura Municipal de Curitiba. <http://www.curitiba.pr.gov.br>

⁶ CHELUCHINHAK, A. B.; CAVICHIOLLI, F. R. A Representação Social do Basquetebol Feminino em Curitiba. XIV. **In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/ I Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. CBCE: Porto Alegre, 2005. p. 112.

⁷ Fonte site da Prefeitura Municipal de Curitiba. <http://www.curitiba.pr.gov.br>

O secretário da SMEL, Neivo Beraldin afirma que a intenção dos Jogos é atrair a mulher, para que toda família pratique esporte: "o esporte é sinônimo de vida saudável. Ao atrair uma mãe ou uma filha, naturalmente, a família passará a praticar esporte. A competição dará visibilidade à mulher-atleta, que servirá de exemplos para outras famílias". E complementa o Diretor de Esporte da SMEL "Existe um pequeno grupo de mulheres que praticam esportes nos bairros, em clubes, academias e em times amadores das associações de moradores. A intenção é tornar estas mulheres exemplos para outras que não praticam esportes".⁸

Segundo a constatação dos gestores públicos anteriormente citada, ainda houve a percepção da diminuição da oferta de atividades esportivas a partir das federações desportivas vinculadas aos jogos. O último campeonato feminino ofertado pela Federação Paranaense de Basketball em Curitiba, por exemplo, havia sido em 2005 com a participação restrita de equipes pois as mesmas seriam responsáveis pelos custos de inscrição e arbitragens das partidas.⁹

Viu-se aí, então, a necessidade da oferta de uma competição que fosse adequada ao gênero e a faixa etária, sendo esses jogos ofertados de forma gratuita às equipes, realizados aos finais de semana, e com atividades paralelas destinadas aos filhos das competidoras.

Há que se ter como ponto de partida: 1) que a massificação do esporte não implica conseqüentemente em sua democratização¹⁰; 2) o esporte e lazer, na atualidade, são fenômenos dinâmicos e complexos que podem se manifestar de diferentes formas e “ganhar” diferentes significados – dependendo do espaço, dos sujeitos e das situações em que estão envolvidos; 3) Ser praticante de um determinado esporte não significa, necessariamente, ser um atleta; 4) O esporte – da forma como veio se institucionalizando – é marcado pelos mesmos preconceitos culturais presentes em outras instituições sociais, como a família, a escola, a comunidade, entre outros. Estes elementos apresentados devem ser considerados para compreensão do cenário a ser estudado, bem como os limites deste estudo que aborda apenas alguns aspectos do problema pesquisado.

Procurou-se com este estudo fornecer um quadro geral e provisório sobre as possibilidades das práticas esportivas femininas na cidade de Curitiba, em especial no Basquetebol, para aprofundamentos posteriores. Espera-se que este trabalho possa servir para orientar ações e políticas públicas voltadas para o esporte e lazer, e em especial as voltadas para o público feminino, com o objetivo da ampliação das ofertas de práticas esportivas suficientemente necessárias e qualificadas.

⁸ CORNEL Curitiba terá evento esportivo exclusivo para mulheres. **Paraná Online**, Curitiba, 24 de dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.parana-online.com.br/editoria/esportes/news/275382/>. Acesso em: 23/04/2009

⁹ Fonte site da Federação Paranaense de Basketball. <http://www.fprb.com.br>

¹⁰ GEBARA, A. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, M.; LUCENA, R. (Org.). **Esporte, história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002, v. 1, p. 13.

Para possibilitar o estudo do problema proposto utilizou-se o discurso das mulheres participantes da modalidade basquetebol nos Jogos Femininos de Curitiba, obtidas através de entrevistas semi-estruturadas. Analisamos entrevistas semi-estruturadas realizadas com atletas, inseridas ou re-inseridas no campo esportivo, buscando a partir destas refletir acerca do consumo de certos hábitos esportivos pelo sexo feminino. Segundo Lüdke e André, a entrevista semi-estruturada “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”¹¹. Com base nos discursos dos indivíduos pesquisados é possível traçar realidades por eles vividas, seus conteúdos e análises, seu modo de agir e de pensar.

Possibilidades de leitura sobre o consumo: Basquetebol Feminino

No corrente ano está sendo realizada a segunda edição dos Jogos Femininos de Curitiba, as entrevistas com as praticantes da modalidade basquetebol foram realizadas em momentos distintos, com horários agendados previamente com algumas que se dispuseram a participar. Não se identificará o sujeito, apenas apresentar-se-á o discurso, que possa responder aos nossos questionamentos. Posto isto, segue a exposição dos olhares e discursos das praticantes de basquetebol feminino de Curitiba e algumas possíveis reflexões.

Todas as entrevistadas tiveram contato com o basquetebol na infância, através de escolinhas esportivas, oportunizadas pelas escolas ou clubes. Algumas delas pararam, retornaram à prática do basquetebol, participaram da primeira edição dos Jogos Femininos e pretendem participar da segunda. Segundo uma das entrevistadas que resume bem a trajetória de vida comum às demais:

“Faz parte da minha vida inteira... desde os 10 anos em jogo basquete, depois virei professora por causa do basquete, fui fazer educação física por causa do basquete e há 15, 16 anos que eu sou treinadora de basquete já. Então é minha vida praticamente”

A primeira inferência que se pode fazer aqui é a de que a aquisição do gosto pela prática esportiva e do *habitus*, passam pelo conhecimento, pela aprendizagem e exercício na fase da infância e da adolescência. Fica evidente que o contato com a modalidade, o envolvimento com ela, contribuiu para a adoção de um “estilo de vida” que inclui até a profissão, escolhida por influência das experiências vividas desde muito cedo.

¹¹ LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo. EPU, 1986, p.34.

Entende-se que a expressão *estilo de vida* se refere aos gostos ou disposições individuais que direcionam escolhas, desde alimentação e vestuário, até artes, cultura e atividades de lazer e que, essas práticas individuais e coletivas se estruturam progressivamente e denotam uma maneira de ser individual, mas que também recebe influências do contexto social no qual o indivíduo encontra-se inserido – e por este motivo costuma ser estudado em relação a classes sociais.

Bourdieu¹² considera ser impossível entender a inclinação a determinadas práticas sem situá-las no que designou como “sistema de disposições”, ou seja, o *habitus*. Para Bourdieu, o *habitus* constitui a base geradora dos estilos de vida – pois sua origem comum é o sistema de gostos e preferências, que é um *habitus* de classe. Assim, acredita que um modelo que deseje ser capaz de explicar a distribuição das práticas esportivas entre as classes deveria considerar os fatores determinantes positivos ou negativos, sendo que o autor julga os mais importantes *o tempo livre*, *o capital econômico* e *o capital cultural* – sempre considerando as variações no significado e nas funções atribuídas às diferentes práticas pelas diversas classes. Essa diversidade dependeria também da afinidade entre as disposições éticas e estéticas características de cada classe e das potencialidades objetivas de ganhos éticos e estéticos que parecem estar contidos em cada esporte.

Quais as possíveis razões na adoção de determinadas práticas de consumo? Ao relatar o surgimento do grupo que designou como classe ociosa, Veblen¹³ descreve aspectos da sociedade que persistiram e podem ser reconhecidos até os nossos dias, e que influenciaram o desenvolvimento dos hábitos e costumes, assim como sua manutenção e/ou adequação. Seu trabalho pode ser considerado atual, e nos fornece uma série de pistas sobre como determinados hábitos de esporte e lazer foram sendo adquiridos, e alguns dos contextos que ainda hoje podem influenciar na escolha das atividades com as quais se gasta o tempo livre.

Em sua análise, Veblen¹⁴ destaca ser possível observar uma motivação quase sempre presente seja a competição, a comparação – inicialmente com os do seu grupo social, e posteriormente com indivíduos que detém algum grau de notoriedade e posição social de alguma maneira mais elevada. Ou seja, os indivíduos sempre buscam uma situação que os coloque de certo modo “acima” de outros, que passam a imitá-los e a desejar se igualar a eles – para posteriormente superá-los. Essa seria a base do que o autor denominou “consumo conspícuo”, isto é, o consumo que tem por objetivo principal demonstrar a possibilidade de gastar com objetos e/ou atividades que não sejam consideradas uma necessidade real, mas sim que satisfaçam desejos e correspondam

¹² Cf. BOURDIEU, P. Esporte e Classe Social. In: BROHM, J.M. et al. *Materiales de Sociología del Deporte*. Madri: la Piqueta, 1993.

¹³ VEBLEN, T. B. **A teoria da classe ociosa**: Um estudo econômico das instituições. Trad. Olívia Krahenbuhl. São Paulo: Pioneira, 1965.

¹⁴ VEBLEN, T. B. **A teoria da classe ociosa**: Um estudo econômico das instituições. Trad. Olívia Krahenbuhl. São Paulo: Pioneira, 1965.

a um estilo de vida que seja considerado pela sociedade como de bom gosto, culturalmente favorecido e capaz de demonstrar em que classe social o indivíduo encontra-se inserido.

Um estilo de vida que vise indicar pertencimento a uma classe ou nível socioeconômico superior, usualmente valoriza o tempo livre – que Veblen designou como ócio, ou seja, o “tempo gasto em atividade não-produtiva, sem conotação de indolência”. Essa valorização ocorre tanto em termos de quantidade de tempo livre, como da qualidade e status das atividades realizadas nesse tempo. Seria um meio de demonstrar superioridade pecuniária, uma vez que o indivíduo poderia dedicar mais tempo ao lazer e aos esportes, sem afetar seus ganhos para subsistência.

Não se pode negar a influência que o chamado “poder pecuniário” exerce também na escolha das atividades de esporte e lazer, em qualquer época: hoje, a maior parte das pessoas não tem condições de despender o necessário para jogar tênis ou praticar golfe, por exemplo. O mesmo pode-se dizer das atividades culturais de lazer, como o cinema, teatro e muitas vezes até a frequência a estádios de futebol. Ou seja: aquilo que um indivíduo consome tende a ser interpretado como uma característica do grupo social ao qual pertence – ou ao qual deseja pertencer.

Complementando a idéia de Veblen, Adorno também aponta para necessidade de diferenciação perante aos outros. O consumo de bens culturais estaria relacionado não ao conteúdo, mas a necessidade de diferenciação perante aos demais.¹⁵

Percebeu-se que grande parte das mulheres abandona o basquetebol com o fim do ensino médio ou com chegada na idade adulta. Alguns dos discursos a seguir expressam possíveis razões pelas quais as mulheres interrompem as praticas esportivas e os treinos com a chegada da idade adulta. ¹⁶

“As meninas e os meninos param quando entram na faculdade, só que os meninos se esforçam mais, não param por qualquer coisa, muitos continuam jogando”.

“Nossa! Eu acho que 99% quase que param... acontece já no terceirão, porque muitas diminuem a carga de treinamento, ou às vezes param de treinar pra se dedicar ao estudo pra tentar entrar numa universidade pública né... Eu acho que outro motivo é na própria faculdade né... muitas universidades aí a aula é de manhã e a tarde... então é complicado né... é falta de tempo mesmo e... começa-se a priorizar outras coisas... a parte mais... profissional do que ela vai ser do que o basquete em si, uma jogadora”.

¹⁵ ADORNO, T. **Palavras e Sinais**. Modelos Críticos II. Petrópolis: Vozes, 1995.

¹⁶ Sobre a participação da mulher no esporte é interessante conferir o trabalho de DUNNING, Eric. **Sport Matters: sociological studies of sport, violence and civilization**. London/ New York: Routledge, 1999.

“É assim, a maioria, porque eu vejo por aqui (no clube que frequenta). E os compromissos de trabalho lógico, eu acho que isso vem ainda até antes. A mulher está trabalhando fora e quando chega em casa está cansada, fica difícil engrenar”.

“É principalmente a família, chega uma idade a gente casa, forma uma família, tem filhos, e aí a gente tem que interromper prá cuidar do filho, a gestação, tem que esperar o filho crescer prá poder ficar com o pai prá gente poder vir..., a mulher é diferente do homem, tem muito mais coisas para fazer, têm mais tarefas domésticas, cuidar dos filhos e tal. Eu acho complicado, sair de casa a noite deixar o filho, prá treinar, eu acho complicado”.

As obrigações inerentes ao papel feminino, como ser dona de casa e mãe ao mesmo tempo em que luta pela inserção na universidade e no mercado de trabalho, configuram os principais motivos para o abandono do esporte. A mulher no dias atuais assume as obrigações que já lhe eram conferidas pela sociedade antigamente, bem com por outros decorrentes da sua emancipação e busca pela inserção no trabalho e no mundo dito masculino.

Muitas das mulheres entrevistadas retornaram a prática esportiva por terem se motivado com a nova possibilidade de participar de competições. O discurso a seguir resume bem o que todas pensam sobre a importância da realização dos jogos femininos:

“Eu acho super válido. Eu acho que incentivar o esporte feminino, principalmente aqui em Curitiba, onde não tem tantas equipes adultas, principalmente pra gente que tem mais de 35 anos, já acha que é velha prá jogar, mas a gente vê que não ta tão velha assim, depois que a gente começa a treinar a gente vê que ainda tem condições..., eu acho super válido esse incentivo que esses jogos vão dar, tenho certeza que muitas que estavam paradas depois que souberem que estamos na ativa vão querer voltar a jogar. Eu tô super empolgada”

Considerações

Pudemos notar que a visão das atletas está moldada por um discurso implícito na sociedade, onde a mulher tem o papel de gerar e cuidar da prole, e mesmo com as conquistas e atribuições profissionais alcançadas por elas, não existe o afastamento dessas funções. Outra observação seria de que o homem está mais voltado à prática esportiva e menos em relação às preocupações com as atividades sociais do que a mulher. Participar de festas, “baladas” e outras, não interferem na prática esportiva dos homens da mesma forma que com as mulheres. Isso poderia demonstrar uma

busca pela formação de uma família, de um companheiro, porém esta seria motivação para outros estudos. Outra constatação é de que as disposições geradas pela vida esportiva estão implícitas nas participantes, que mesmo após longos afastamentos da atividade, estão sendo evidenciadas com o retorno às competições.

Constatando-se que a oferta da competição atendeu a uma demanda existente verificamos que após a criação dos Jogos Femininos vimos em Curitiba o retorno do Campeonato Metropolitano de Basquetebol Feminino que, segundo a Federação Paranaense de Basketball, foi interrompido por quatro anos, e em sua última versão foi disputada por apenas quatro equipes da cidade. Neste ano a competição conta com oito equipes participantes o que revela uma possível vinculação com a realização dos Jogos Femininos. O alcance da informação e divulgação realizada por um órgão público, SMEL, bem como a gratuidade do evento, podem ter sido fatores preponderantes para esse engajamento de praticantes, que estiveram durante muito tempo recolhidas aos afazeres ditos da mulher: casa, marido, filhos, estudo e trabalho.

Referências

- ADORNO, T. **Palavras e Sinais**. Modelos Críticos II. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BOURDIEU, P. Esporte e Classe Social. In: BROHM, J.M. et al. **Materiales de Sociología del Deporte**. Madri: la Piqueta, 1993.
- _____. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.
- CHELUCHINHAK, A. B.; CAVICHIOILLI, F. R. A Representação Social do Basquetebol Feminino em Curitiba. XIV. In: **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/ I Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. CBCE: Porto Alegre, 2005.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva/SESC, 1999.
- DUNNING, E. **Sport Matters: sociological studies of sport, violence and civilization**. London/ New York: Routledge, 1999.
- GEBARA, A. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, M.; LUCENA, R. (Org.). **Esporte, história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo. EPU, 1986, p.34.
- SOARES, C. L. **O pensamento médico higienista e a educação física no Brasil: 1859-1930**. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, São Paulo, 1990, p.240.
- VEBLÉN, T. B. **A teoria da classe ociosa: Um estudo econômico das instituições**. Trad. Olívia Krahenbuhl. São Paulo: Pioneira, 1965.